

As mulleres escritoras (1860-1870). O xénio de Rosalía,
de Célia M. Armas

Maria Anjos López Otero

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

LÓPEZ OTERO, MARIA ANJOS (2011 [2003]). “*As mulleres escritoras (1860-1870). O xénio de Rosalía*, de Célia M. Armas”. *Agália*: 73-74, 251-254. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/157>>.

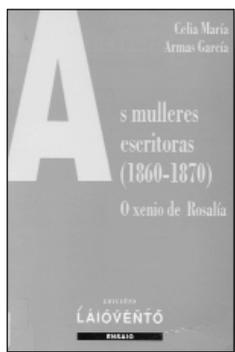
2 | Por referencia á publicación orixinal

LÓPEZ OTERO, MARIA ANJOS (2003). “*As mulleres escritoras (1860-1870). O xénio de Rosalía*, de Célia M. Armas”. *Agália*: 73-74, 251-254.

* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

AS MULLERES ESCRITORAS (1860-1870).

O XENIO DE ROSALÍA,
DE CELIA M. ARMAS



O traballo de investigación que Celia M. Armas^(*) realizou sobre as escritoras galegas durante a década de 1860 é amplamente esclarecedor em dous puntos básicos: em primeiro lugar, na descriçom do estado do campo literário na Galiza desta época, onde começa a percerber-se um intento de autodefiniçom (por oposiçom) e legitimaçom dum sistema literário diferenciado do espanhol, produto da incipiente ideologia provincialista. Partindo desta questom, a autora tenta definir o posicionamento que as escritoras galegas tomavam (ou lhes era permitido tomar) dentro deste campo seguindo um critério cronológico. O terceiro apartado e o quarto do livro, de maior extensom, apresentam estes dous assuntos principais a desenvolver

e adquirem a maior das atençons.

O instrumento básico de que se serve a autora para a análise é o material hemerográfico da época conservado actualmente. O estudo minucioso das publicaçons periódicas que aparecem ao longo da década, empregando como metodologia as teorias polissistémicas do Prof. I. Even-Zohar, assi como a do *Campo Literário* formulada por P. Bourdieu, permiten-lhe chegar a conclusons reveladoras sobre estas duas premissas fundamentais para as que se dirige a investigaçom.

É destacável no traballo o extenso cómputo de escritoras nessa década e das que hoje nom temos conhecimento (com algunhas excepçons como Rosalía de Castro ou Emilia Pardo Bazán). A autora vai constatando o paulatino aumento de assinaturas femininas nas publicaçons ao longo da década, destacando o ano de 1865, e demonstra como, paradoxalmente, a historiografia literária galega foi-se esquecendo delas e mitigando a importância que adquirirom no seu tempo. A raíz disto, denuncia-se neste livro a injustiça cometida, produto de dous erros fundamentais: primeiro, a desconsideraçom de moitas delas por nom terem empregado o castelhano nos seus textos numha época de destacada

(*) Celia Armas García, *As mulleres escritoras (1860-1870). O xenio de Rosalía*. Laióvento, Santiago de Compostela, 2002.

diglossia social na Galiza e, segundo (e mais importante), a tradição patriarcal de infravaloração da “produção” (seja a que for) feminina. Por causa disto, a maior parte das escritoras decimonónicas (nom só galegas) fôrom relegadas ao esquecimento com a passage do tempo e só nas últimas décadas do s.XX começa a revalorizar-se a sua criação. Por outra parte, as escritoras que resultam mais difíceis de nom incluir nas referências bibliográficas, caso de Rosalia de Castro, sofrem umha “prostituição” dos seus textos e da sua figura segundo convenha à ideologia patriarcal imperante em cada período histórico.

As publicações contrastadas no trabalho som voceiros do Provincialismo galego, polo que parece suficientemente indicativo da aderência destas escritoras a esta ideologia, mas a autora do trabalho nom aprofunda nesta questom que nós consideramos muito importante. De facto, como bem demonstrou S. Kirpatrick nos seus estudos sobre escritoras espanholas a meados do s. XIX, os jornais liberais (entre os que nom se pode excluir aos galegos) som mais proclives à publicação de textos de autoria femininos. Responde isto a umha estratégia de mercado para conseguir umha maior difusom das suas ideias, já que o número de leitoras ia

ampliando-se cada vez mais. Por outra parte, umha tendência liberal (como é o caso do Provincialismo galego) sempre mostrará maior permissibilidade para as actividades literárias das mulheres para manter coerência entre as suas formulações teóricas e a prática. Também nom se repara neste trabalho em como muitos dos editores destas revistas serám também os que possibilitem as publicações em livro destas escritoras (destacando a figura de Soto Freire), ainda que si explicita a situação sócio-cultural de privilégio que elas compartiam ao manter estreitas relações familiares e de amizade com os colaboradores masculinos destas publicações. Por isto, surge a pergunta de se na Galiza desta década seria possível a aparição de textos de autoria feminina de nom existirem estas publicações periódicas ligadas ao Provincialismo galego.

Por outra parte, consideramos que neste estudo resulta incompleta a justificação da atribuição de determinados textos ao Provincialismo (basicamente polo tratamento de assuntos claramente reivindicativos, com independência da língua empregada). Aponta acertadamente a investigadora como muitas autoras concretizam a temática, habitual na época, do *locus amoenus* por meio dum topónimo galego, atribuindo isto a um costume feminino bur-

guês, quando em realidade cremos que é um modelo poético mui empregado na Galiza da época e que constitui umha estratégia mais para a transmissão do Provincialismo, empregada com igual regularidade tanto por autores masculinos como femininos (um claro exemplo é o *Album de la Caridad*).

O ponto mais salientável deste trabalho é a situação das escritoras que, como mulleres, tinham mui delimitada a sua produção no que di respeito aos autores masculinos. Isto deve-se à construção patriarcal da definição do género feminino (por oposição e complementação-subordinada à masculina). A actividade literária, em princípio, constituía umha atribuição exclusivamente masculina, posto que implicava umha acção pública e um tratamento de assuntos de validade intelectual, mas a definição do género feminino concede às mulleres acções relacionadas com assuntos de validade moral e sentimental. Deduz a investigadora a inquestionável aceitação social nesta época da figura do “anjo do lar”, através dumha análise comparativa entre os abundantes textos teóricos assinados por varons, sobre a educação da mulher, e os próprios textos de autoria feminina ao longo da década. A criação literária para as mulheres converte-se, assim, num acto transgressor da

norma social e tentam justificá-lo e legitimá-lo polo uso estratégico de modelos já consolidados e prestigiados sem pôr em dúvida a definição e validade do “anjo do lar”.

Daí a predominância da poesia, género que na época estudada já contava com umha tradição consolidada de autoria feminina no sistema literário espanhol (de que as escritoras nomeadas eram conscientes) e que adquirira na década de 1860 valorização implícita do “anjo do lar”. S. Kirpatrik demonstrou como esta nova concepção da lírica, a partir da década de 1850, é comum para os/as produtores/as literários/as em Espanha. Segundo o dito, achamos que a identificação que C. M. Armas fai: mulher=poesia, varóm=prosa no seu trabalho nom é de todo certa. Prova disto som os textos narrativos publicados por estas escritoras (por exemplo Rosalía), onde destaca igualmente a suposta “sentimentalidade” feminina, como consequência da priorização dos modelos românticos no subsistema galego. Os modelos líricos som mui rígidos formal e tematicamente neste momento, polo que nom existe umha variação notável entre textos segundo seja o género das/os suas/seus autoras/es; si se percebe umha maior predisposição por parte das mulheres para a produção lírica, mas isto por causa da definição social do

género feminino e a própria concepção da poesia procedente das teorias românticas.

Nom se deve descartar também o próprio contexto onde aparecem estas publicações, mais propícias à apresentação de poesia nos apartados literários. Entre outras muitas causas para isto, está a tradição jornalística. É preciso ter em conta que estas novas publicações galegas estão tentando entrar no mercado empregando modelos consolidados para a captação de público. Na época estudada, os romances por entregas de autoria feminina vinham sendo habituais (lembre-se, por exemplo, a própria Rosalia nesta década) na imprensa madrilenha mas, sendo a poesia um material repertorial que contava com maior prestígio e devido à histórica pressão social patriarcal, as escritoras começariam a produzir textos que mais facilmente seriam admitidos no campo literário.

Sem dúvida, este trabalho constitui uma importante e necessária aproximação à situação das escritoras galegas no s. XIX. Dá a conhecer como nom som tam poucas as assinaturas femininas como em princípio consideramos actualmente, visibiliza as balizas com as que se tinham que enfrentar e a “genialidade” do exemplo dalgumas autoras que ultrapassárom as expectativas

naquela altura atribuídas a uma escritora, dá conta dumha forte solidariedade feminina entre estas mulheres e, fundamentalmente, denuncia o esquecimento da sua produção literária e da relevância que adquiriram durante a década de 1860.

Maria Anjos López Otero